

MUSGO

Uma história de lealdade e sobrevivência
de um cão em tempos de guerra.



David
Cirici

Ilustrações de
Catarina França



*Para os meus quatro cachorros: Hug, Joana,
Violeta e Alexandre.*

Índice

1	Flutua um cheiro no ar. A emoção em breve se irá esgotar	13
2	Se ouço um barulho forte, recordo a minha má sorte	23
3	Passei de ser mimado a cão abandonado	29
4	Sem teto e sem comida, como é dura a vida! ...	33
5	Como aprendo a surripiar carne reconhecem que sou grande	43
6	Que terror o homem do talho com as suas facas de trabalho!	49
7	Já resfolega o javali: temos de sair daqui	53
8	Encerram-nos com engano num sítio muito estranho	61
9	Quando me sinto perdido recordo o que tenho vivido	69
10	Ensinam-nos a ladrar se alguém quer escapar	85
11	Melhor que uma perdiz é um beijo no nariz	91
12	O focinho não me falha, não: É o Mirek atrás da vedação	101

13	Ouço assobios e gritos e aguço os meus sentidos	113
14	Embora pareça estar satisfeito, a Menta conhece o meu tormento	125
15	Tenho tanto para dizer... Não sei falar nem escrever!	141
	Agradecimentos	149
	Biografia dos autores	154

1

Flutua um cheiro no ar.
A emoção em breve se irá esgotar

Numa certa manhã fria, quando ia eu a caminhar pela margem do rio para aproveitar o calorzinho do sol, notei, levemente, uma brisa, uma pitada do cheiro da Janinka.

Parei e farejei bem; não queria que me fugisse. Era um cheiro muito suave que flutuava e se movia como se fosse uma semente de dente-de-leão ou uma bola de pelo de gato empurrada pelo vento. Era um cheiro que passava. Abri bem os olhos e levantei as orelhas. Mas o cheiro tinha-se perdido. Corri para ver se via a Janinka, se a ouvia. Cheirei bem pelos arredores para ver se reencontrava

o cheiro dela. Às vezes parecia-me que já tinha conseguido, que já tinha encontrado a ponta e que só tinha de seguir o fio para chegar à menina. Mas o fio partia-se e ficava preso num candeeiro ou num tronco de árvore, e eu tinha de dar voltas e mais voltas de novo para o encontrar.

E cheguei assim, meio tonto, à avenida.

Havia uns homens que estavam a arranjar a base de um monumento dedicado a um senhor com bigode e barba pontiaguda que vestia uma gabardina e apontava para qualquer coisa em cima, eu não sabia o quê. Aborrecido como estava porque acabava de perder aquela pitada de cheiro, não me apercebi e pisei o cimento fresco. Logo que pus as patas dianteiras em cima dele, um daqueles homens começou a gritar comigo, a protestar, e deu-me um pontapé na barriga. Como o homem estava calçado com umas botas enormes de biqueira de aço, magoou-me tanto que as patas me falharam e caí. Levantei-me de imediato, e então sim, então atravessei a correr por cima do cimento fresco e deixei as minhas pegadas bem marcadas. Devem ter tido preguiça de alisar novamente o cimento, porque o deixaram assim: o cimento secou e as minhas pegadas ainda lá estão. Agora eu

também faço parte do monumento, como se fosse tão importante como o homem do bigode e da barba pontiaguda que tem uma gabardina vestida e aponta para cima.

Atravessei a avenida a coxear, ainda dorido por causa do pontapé, e precisamente quando cheguei ao outro lado pareceu-me que, por detrás do cheiro a musgo e a humidade que o muro da margem do rio emanava, voltava a encontrar o cheiro da Janinka. Ladrei. Procurei. E pensei que talvez fosse só a recordação. Às vezes, quando eu tento lembrar-me de um cheiro, chego mesmo a senti-lo. Era isso o que me devia estar a acontecer, porque a seguir vi que o tinha perdido. Só sentia o cheiro a musgo, a terra molhada e a fumo de camião, e de vez em quando o do xixi de outro cão e até algum meu de há dias.

Já estava quase a desistir de continuar à procura daquele rasto minúsculo quando, de repente, voltei a senti-lo na cerca de madeira de um jardim. Sim! Era o cheiro da Janinka, como se ela tivesse passado as mãos pelas barras verticais da cerca. O cheiro da Janinka flutuava entre o cheiro a madeira e a verniz, a limo e a relva, e o cheiro a domingo à tarde e a máquina de lavar. Mais para lá, no fundo da minha paisagem de cheiros, identifi-

cava um cheiro velho e rançoso que vinha do interior de uma casa, e mais para trás, muito longe, um cheiro a bolos acabados de fazer. Também notei um cheirete pestilento que salpicava e sujava tudo: o fedor de uma ratazana de devia ter passado por ali há pouco tempo.

Quando a cerca terminou, acabou-se o cheiro. O passeio só cheirava a sapatos e a pés, a cocós e a pastilhas elásticas pisadas. Continuei a avançar, excitado, farejando com o meu focinho junto à terra para ver se encontrava os passos da Janinka, o terno cheiro dos seus pés. Farejei troncos de árvore, pés de candeeiros, o asfalto, as pedras da calçada e até as linhas do elétrico, que cheiravam a ferro e a chiadeiras, e que eram muito perigosas de cheirar. Encontrei cheiros tristes, antigos, rastos de gente transpirada e de livros escolares, mas já não voltei a encontrar mais sinais da Janinka.

Notar o cheiro da Janinka e não a encontrar pôs-me triste. Procurei um belo recanto para me deitar ao sol e fechei os olhos. Estava desconcertado. Como era possível aquele cheiro flutuar pela rua, agitar-se com o vento ou ter-se fixado numas barras de madeira, e a Janinka não estar? Era o cheiro dela, ou era o cheiro de alguma outra coisa parecida?



A Janinka era a menina que tinha brincado comigo. A menina que tinha vivido na minha casa. Nessa casa também havia um menino, um homem que cheirava a fumo e a tinta, e uma mulher que às vezes cheirava a flores e, às vezes, a bolo de limão. Isso foi quando eu tinha casa. Nem sequer sabia há quanto tempo é que isso fora. Tinham-se passado muitos dias e muitas noites desde a última vez que dormi aos pés da cama da Janinka, no meu tapete cinzento, da mesma cor cinzenta das árvores e dos prados. Tinha feito calor e tinha nevado e tinha gelado e tinha voltado a fazer calor três vezes, e as tílias também tinham deitado folhas e tinham florescido e tinham cheirado bem três vezes.

Naquela época eu via melhor, tinha melhor percepção, e talvez também soubesse distinguir melhor os cheiros mais fracos. Não sei. Se penso nisso, tenho a sensação de que foi há muito tempo. Mas os cheiros não se esquecem facilmente. Na verdade, parece-me que nunca se esquecem.

Cada um tem um cheiro diferente, de modo que a Janinka cheirava a Janinka. Se vocês não sabem como é o cheiro da Janinka, vai ser difícil

entendermo-nos. Poderei dizer que a Janinka cheirava a manhã, a toalha limpa e a alegria. Tinha o cheiro picante do cabelo preto e dos lábios de cor cinzento-lábio, o cheiro divertido das cócegas e das manhãs de domingo, quando ela se atirava para cima de mim e me fazia cócegas na barriga e eu lhe mordiscava as mãos, os tornozelos, só umas mordiscadelas que eram como as suas cócegas, e ela morria de riso e gritava como uma louca. Cheirava a tudo isso, e no dia a dia, quando regressava da escola, o cheiro da Janinka misturava-se com aquele que todas as crianças têm: o cheiro seco do giz misturado com os lápis e as borrachas, e o das batatas transpiradas e sujas de leite, e de óleo, de molho de tomate e de gema de ovo.

Cheirava a Janinka e pronto.

O Mirek cheirava a faíscas. Poderia dizer que cheirava a bolotas, porque fazia assobios com elas e andava sempre com alguma no bolso. Também poderia dizer que cheirava a lama, porque gostava de chapinhar nos charcos depois da chuva. Mas talvez o seu cheiro mais particular fosse o cheiro a faísca, porque brincava com um comboio elétrico que soltava pequenas faíscas azuladas, e levava um pouco deste cheiro no cabelo.



Eu tinha uma casa numa rua com tílias. Uma casa com um bocado de erva e umas plantas em frente. À tarde eu sabia que a Janinka e o Mirek, o seu irmão, regressavam da escola, porque os seus passos, bastava eles dobrarem a esquina e meterem-se pela nossa rua, eram inconfundíveis. Era só um barulhinho de nada, mas eu saltava de alegria, porque isso queria dizer que se aproximava um bocadinho de cócegas e de corridas entre a cozinha e a sala, e de brincar com as bolachas. Quando eu os ouvia, descia as escadas a correr e esperava por eles à porta para lhes saltar para cima e lambe-lhes a cara. E eles pousavam os seus lábios no meu nariz e deixavam em mim todo o seu cheiro a criança e a escola. Depois sentavam-se à mesa da cozinha e abriam dossiês e tiravam papéis e lápis, e durante um bom bocado não me faziam caso, e eu sabia que tinha de esperar. E finalmente levavam-me a passear, que era o melhor momento do dia.

Então havia muitas coisas de que eu gostava.

Quando tive de viver sozinho, restaram-me muito poucas.

Coisas de que eu gostava

- Ir no cesto da bicicleta e ver passar as árvores e as nuvens.
- Perseguir a minha sombra entre os lençóis estendidos no jardim.
- Que as crianças me perseguissem por toda a casa.
- Ser eu a perseguir as crianças por toda a casa.
- Mordiscar o pedal da bicicleta da Janinka.
- Descer as escadas da casa a correr e deslizar pelo patamar ao virar.
- Pôr-me de patas para cima e fazerem-me cócegas na barriga com os seus pés descalços.
- Perseguir a água da mangueira.
- Correr pelos prados e passar por baixo das vacas.
- Nos dias de chuva, pôr-me sobre as minhas patas traseiras e apoiar as dianteiras, sujas de lama, na barriga do homem que cheirava a tabaco e a tinta.

- Ter o meu prato para comer.
- Não ter pulgas nem carraças.
- Que me chamassem pelo meu nome.

Todas essas coisas acabaram. E de repente, deixei de ter crianças e de ter casa, de modo que já ninguém me levava de bicicleta, ninguém brincava comigo e ninguém me chamava pelo meu nome e passava o dia a coçar-me por causa das pulgas e das carraças.

A JORNADA EMOCIONANTE DE UM HERÓI DESTEMIDO COM BOM FARO E BOM CORAÇÃO.



Musgo vivia feliz e tranquilo junto dos seus donos, a Janinka e o Mirek, duas crianças brincalhonas que ele adorava. Mas quando começa a guerra, uma bomba destrói a sua casa, e ele inicia uma longa caminhada num mundo até aí desconhecido.

Sozinho, sem abrigo nem rumo, vai ter de enfrentar situações difíceis e perigosas e resistir ao cansaço, à fome e ao medo. Apesar das dificuldades, vive aventuras incríveis, aprende coisas novas e ganha amigos inesperados.

A amizade, a esperança e a coragem vão determinar o seu percurso. Será que vai conseguir reencontrar a sua família?

**Uma obra premiada que agradará às crianças e aos adultos
que embarcarem nesta viagem de perdas e ganhos,
boas e más pessoas, separações e reencontros,
vivida por um cão que resolve contar as suas
memórias num relato inocente e empolgante.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN: 978-989-589-092-7



9 789895 890927